

FEIJÃO

**Eng. Agrônomo Carlos Alberto Salvador*

Mercado Nacional do Feijão

De acordo com a Conab, a maior parte da oferta do feijão cores recém-colhido foi proveniente do Paraná. O restante é dos estados de São Paulo, Minas Gerais e Goiás. Em função das condições climáticas adversas, foram raros os lotes do tipo extra. A primeira safra, ou safra das águas, está concluída e cerca de 70% da produção foi comercializada pelos produtores. Quanto à segunda safra, ou safra da seca, o quadro climático, em boa parte das regiões produtoras, está contribuindo para melhorar o balanço hídrico do solo e possibilitando o avanço da semeadura.

Preços Recebidos pelos Agricultores no Estado do Paraná

Conforme dados do Deral, o preço médio recebido no mês de fevereiro pelos produtores paranaenses de feijão foi de R\$ 275,93 a saca de 60 kg do tipo cores e R\$ 299,93 a saca de 60 kg para o preto. Nos últimos seis meses, o mercado do feijão cores e preto apresentou alta nas cotações do grão. A elevação foi determinada pelos efeitos adversos do

clima, como estiagem e chuvas no primeiro mês do ano.

Preços no Varejo

A alta na cotação no campo é transferida para a gôndola, e os preços no varejo demonstraram esta tendência em grande parte de 2020 e nos dois primeiros meses deste ano. O preço nominal médio em fevereiro/21 foi de R\$ 7,41/kg/cores e R\$ 7,75/kg/preto, aumento de 37% no tipo cores e 80% no tipo preto, quando comparados com fevereiro/20.

MANDIOCA

**Economista Methodio Groxko*

Durante o mês de fevereiro as condições climáticas favoráveis e a necessidade de liberar as áreas para o plantio de milho safrinha impulsionaram os trabalhos de colheita da mandioca. Diferente de janeiro, que registrou vários dias de chuva, em fevereiro, o clima mais seco facilitou os trabalhos de campo e permitiu que a colheita atingisse 6% dos 150 mil hectares cultivados na safra de 2020/2021.

Com a maior oferta de mandioca para as indústrias, já se observa uma

Boletim Semanal* – 09/2021 – 05 de março de 2021

gradativa queda nos preços ao produtor e nos demais segmentos da comercialização.

Embora tenha havido um aumento no processamento industrial de fécula e de farinha, a demanda pelos atacadistas destes dois produtos ainda é bastante reduzida. Apesar dos altos preços do milho e do amido, a procura pela fécula de mandioca ainda não aumentou, pois as indústrias que utilizam este produto estão postergando as compras e, com isto, forçando os preços para baixo.

Durante a última semana o produtor recebeu, em média, R\$ 406,00 por tonelada de mandioca posta na indústria. A fécula foi comercializada a R\$ 66,00/sc de 25 kg contra R\$ 67,00/sc de 25 kg no período anterior, e a farinha foi negociada, em média, por R\$ 93,00/sc de 50 kg. Esses valores significam uma redução em torno de 1% em relação à semana anterior para a mandioca em raiz e também para a fécula e a farinha.

MILHO

**Administrador Edmar W. Gervásio*

Segunda Safra de Milho 2020/21

O plantio da segunda safra de milho avançou de forma consistente nesta

semana e atingiu 28% da área estimada. Contudo, ainda abaixo da sementeira esperada para o período que, normalmente, já teria chegado a 70% da área.

O plantio atrasado concentra-se na região oeste do Estado onde, em alguns municípios, já expirou o período ideal para a sementeira preconizado pelo zoneamento agrícola.

Primeira Safra de Milho 2020/21

Já na primeira safra de milho, o relatório semanal aponta que foram colhidos 165 mil hectares de um total de 360 mil. Para a próxima semana a colheita deve evoluir e ultrapassar os 50% da área prevista no Estado.

Em relação às áreas ainda a colher, 73% apresentam boas condições de lavoura, enquanto 21% têm condições medianas e 7%, ruins.

SOJA

**Economista Marcelo Garrido Moreira*

Até o início desta semana os produtores paranaenses de soja haviam colhido, aproximadamente, 23% da área semeada no ciclo 2020/21. Das lavouras a

campo, 81% estão em condições consideradas boas, 17% em condições consideradas médias e cerca de 3% em condições ruins. Ainda com relação à área que não foi colhida, 1% está em floração, 37% se encontram em frutificação e 62% em fase de maturação.

Em relação ao atraso nos trabalhos de colheita, no mesmo período do ano passado haviam sido colhidos, aproximadamente, 42% da área cultivada. A média da área colhida nas últimas três safras, no mesmo período, é de 40%.

Esse retardo na colheita, causado por condições climáticas adversas desde o início do ciclo, compromete o plantio da segunda safra de milho paranaense e preocupa todo o setor produtivo, visto que o risco aumenta a cada dia. Visando diminuir o impacto deste atraso, a Secretaria da Agricultura e do Abastecimento do Paraná, juntamente com a Federação da Agricultura do Paraná e o Sindicato e Organização das Cooperativas do Estado do Paraná, encaminharam na semana passada um ofício à ministra da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Tereza Cristina, solicitando a prorrogação de 10 dias nos períodos de semeadura do milho 2ª safra para o Paraná.

TRIGO

**Eng. Agrônomo Carlos Hugo Godinho*

A demanda mundial por trigo cresceu em relação à temporada passada, de 747 milhões de toneladas para 769 milhões, segundo dados do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA). Somente na atualização de fevereiro, o número foi ajustado em 10 milhões de toneladas a mais, influenciado especialmente pelo uso para ração na China.

Esse cenário tem refletido em preços mais altos do trigo no mercado internacional. As principais referências tiveram um aumento entre 10% e 40% em suas cotações em dólar. O trigo do exterior é especialmente necessário para o Brasil nos próximos seis meses, quando a safra nacional começa a se exaurir. Para comprar esse produto, a indústria moageira desembolsa dólares, cuja cotação ao longo da pandemia teve grande volatilidade e tendência de alta, e encontra-se, atualmente, mais de 20% acima da cotação de março de 2020.

Dada esta situação, há pouca possibilidade de os derivados de trigo contribuírem para evitar a pressão

inflacionária brasileira, ao menos neste ano.

BATATA

*Eng. Agrônomo Carlos Alberto Salvador

O Paraná cultiva duas safras de batata. A primeira é conhecida como a safra das águas, plantada no período de agosto a dezembro. A segunda, chamada de safra da seca, é semeada de dezembro a maio. Em relação à primeira, o atual ciclo está com área estimada em 16,0 mil hectares, acréscimo de 2% em relação à safra passada. A colheita deve alcançar 460,6 mil toneladas, volume 1% menor ao registrado no período anterior.

Os agricultores colheram 100% do total da área estimada, e a produção final apresenta uma pequena queda de rendimento, da ordem de 3% na produtividade e, conseqüentemente, na produção. A escassez das chuvas no período de plantio e desenvolvimento da cultura, e as chuvas excessivas no início do ano são fatores que influenciaram negativamente a produção. Os agricultores comercializaram 93% do total da área colhida, ou cerca de 426 mil toneladas do tubérculo.

Na 2ª safra 2020/21 os agricultores já plantaram 83% dos 12,1 mil hectares previstos. É uma extensão 1% maior que na safra 2019/20. A expectativa é que sejam colhidas 352 mil toneladas, o que elevaria em 20% a produção comparativamente ao ciclo anterior.

A estimativa de produção total (1ª e 2ª safras) é de 812,6 mil toneladas, e os principais produtores no Estado do Paraná são os Núcleos Regionais de Guarapuava, com 28% do total estimado, seguido por Curitiba, com 27%, e Ponta Grossa, com 14%. Os três núcleos são responsáveis por 70% da produção estadual. A área total destinada nesta safra para o cultivo da 1ª e 2ª safras do tubérculo é de 28,1 mil hectares.

Devido aos picos de colheita da safra das águas na produção nacional e de produtos de menor qualidade, a tendência é a desvalorização dos preços. Conforme dados do Deral, o preço médio recebido em fevereiro de 2021 pelos produtores paranaenses foi de R\$ 81,25 a saca 50 kg, redução de 28% com relação à cotação de janeiro/21. Esta menor cotação vai na contramão da alta dos preços do tubérculo nos três meses anteriores. E a baixa nos preços na roça reflete no varejo. Os

Boletim Semanal* – 09/2021 – 05 de março de 2021

consumidores comemoram a baixa, pois estão pagando menos pelo quilo da batata. Em fevereiro de 2021 o preço médio foi de R\$ 3,66/kg, redução de 16% com relação ao mês anterior.

OVINOCULTURA E CAPRINOCULTURA

** Méd. Veterinário Fábio Mezzadri*

Segundo dados do Agrostat (MAPA), as exportações brasileiras de carnes ovina e caprina, no ano de 2020, foram 9,4% superiores ao ano anterior (2019). Foram 58 toneladas exportadas (2020), contra 53 toneladas em 2019.

Apesar do crescimento das exportações, estas ainda são irrelevantes em número quando comparadas às importações destes produtos no mesmo período.

No ano de 2020, as importações de carnes ovina e caprina foram 29% menores que no ano anterior. Em 2019, o Brasil comprou 6.393 toneladas, enquanto no ano passado foram 4.523 toneladas.

O volume importado destas carnes foi 4.465 toneladas a mais do que o exportado, número que desenha uma

conjuntura muito complicada para o desenvolvimento interno deste setor.

Preços da carne ovina praticados no mercado varejista paranaense

Os preços da carne ovina no varejo no Estado do Paraná apresentaram alta em fevereiro de 2021, com relação ao mesmo mês de 2020. A costela ovina se elevou em 17,22%, a paleta em 38,80% e o pernil em 27,45%.

Apesar da alta nos cortes, o ovinocultor não teve a remuneração condizente aos seus custos e também não teve o acréscimo no preço dos seus animais, como o observado em outros setores, como o caso da bovinocultura, fato que tem atrasado o desenvolvimento deste importante setor.

OVOS

** Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade*

Preços dos ovos aumentam nos três níveis do mercado

Preços ao Produtor

+6,6% no mês: Em fevereiro de 2021 o preço médio do ovo tipo grande,

Boletim Semanal* – 09/2021 – 05 de março de 2021

caixa de 30 dúzias, no Paraná, atingiu R\$ 117,67, ou 6,6% acima daquele praticado em janeiro (R\$ 110,34/cx 30 dúzias). Se considerar o mês de fevereiro de 2020 (R\$ 95,27/caixa de 30 dúzias), esteve 23,5% maior.

Preços no Atacado

+18,8% no mês: Em fevereiro de 2021 o preço do ovo tipo grande, no atacado, foi de R\$ 120,41/cx de 30 dúzias, 18,8% maior que o de janeiro (R\$ 101,36/cx 30 dúzias). Entretanto, em relação a igual mês de 2020 (101,08/cx 30 dúzias), esteve 19,1% maior.

Preços no Varejo

+7,3% no mês: Em fevereiro de 2021 o preço médio estadual da dúzia de ovos tipo grande, no varejo, atingiu o valor de R\$ 6,01/dúzia, 7,3% maior que o praticado em janeiro (R\$ 5,60/dúzia). Considerando igual mês de 2020, o preço está maior em 16,7%.

Essa escalada altista dos preços pode ser justificada pelo menos por três fatores: crescimento das vendas no varejo, devido ao ovo ser um produto de bom custo/benefício (preços acessíveis, produto

saboroso, versátil e de ótima qualidade nutritiva), frente às demais proteínas de origem animal - carnes bovina, suína e peixes; menor oferta de ovos (ajuste na produção); e busca de repasse de parte dos custos de produção, que desde 2020 elevou-se em demasia.

Vale destacar que ao longo de 2020 os criadores de galinhas poedeiras (ovos comerciais) conviveram com preços instáveis (altas e baixas) e custos de produção em elevação, notadamente pelo crescimento dos preços da alimentação das aves, cujos componentes principais são o milho e farelo de soja (dólar em alta, maior exportação e certo nível de especulação). A má notícia é que essa tendência continua predominando em 2021.

No Paraná, de janeiro a dezembro de 2020, o preço do milho, no atacado, subiu 59,6%. Em fevereiro de 2021 o preço foi de R\$ 80,53/sc de 60 kg, uma leve alta de 0,2% sobre o preço médio de janeiro (R\$ 80,35/sc 60 kg) e 78,4% maior sobre o valor de igual mês de 2020 (R\$ 45,13/sc 60 kg).

Com as frequentes altas dos preços dos principais insumos (milho e farelo de soja), o poder de compra do avicultor piorou em 2020 e continua a deteriorar-se neste início de 2021. Em fevereiro de 2020 precisava-se de 7,9 caixas de 30 dúzias de ovos para adquirir uma tonelada de milho, enquanto que em fevereiro de 2021 essa relação está 44,3% mais alta (gastou-se 11,4 caixas de 30 dúzias de ovos para comprar a mesma quantidade de milho).

No **farelo de soja** (atacado), de janeiro a dezembro de 2020, a elevação foi de 95,3%. Em fevereiro de 2021, teve preço médio estadual de R\$ 3.150,24/tonelada, uma baixa de 0,9% em relação a janeiro (R\$ 3.179,87/tonelada), mas um preço 118,2% maior que aquele praticado em igual mês de 2020 (R\$ 1.443,41/tonelada).

Por outro lado, olhando-se o poder de compra do ovo frente ao farelo de soja, tem-se: em fevereiro de 2021 necessitou-se 26,8 caixas de ovos de 30 dúzias para adquirir uma tonelada de farelo de soja, 76,3% a mais que em fevereiro de 2020 (15,2 caixas de 30 dúzias de ovos).

Fiquem conectados no DERAL:

www.agricultura.pr.gov.br

www.facebook.com/deralseab.pr

https://instagram.com/deral_pr

https://twitter.com/do_deral

Informe-se, compartilhe, interaja!